

11/01/03 – Vida e Arte

Memória do futuro

De olho no passado e no presente para alcançar o futuro. O escritor, jornalista, radialista e dramaturgo Eduardo Campos chega aos 80 anos com dois novos projetos na agulha: um livro com as correspondências dos amigos que colecionou durante décadas e um CD-ROM que reúne todas suas 60 obras

**Patrícia Karam
da Redação**

[11 Janeiro 00h08min]

Quem foi ontem à festa de aniversário de 80 anos do escritor, jornalista, radialista e dramaturgo Eduardo Campos teve uma surpresa. Numa inversão de papéis, o anfitrião resolveu presentear os convidados com um CD-ROM que traz todas suas 60 obras digitalizadas, incluindo suas peças teatrais e, de quebra, outros textos como as entrevistas que ele concedeu ao longo da carreira. O "brinde" traz títulos fundamentais da dramaturgia cearense. Está presente a trilogia "dramas urbanos" (**Os Deserdados**, **O Morro do Ouro** e **Rosa do Lagamar**) - montada, a princípio, na década de 1960 - e a obra pioneira de Campos: a coletânea de contos **Águas Mortas**, que este ano completa 60 anos. A edição original tinha capa e ilustração de Antônio Bandeira e seu lançamento foi saudado por Carlos Drummond de Andrade, que escreveu a Campos: "a expressão literária parece-me ainda na fase inicial, mas sente-se que você caminha para dominá-la, e há muito que esperar de um escritor assim corajoso e humano".

O CD-ROM **Itinerário do Escritor: Eduardo Campos** vem ainda acompanhado de um folheto com informações pessoais e algumas curiosidades, a exemplo de uma receita de perdizes "quase" de Eduardo - ele prefere dizer que ninguém é dono de uma receita, apenas vai adaptando ao seu paladar. Palavra de um verdadeiro gourmet que, aos domingos, assume a cozinha de casa para exercitar um de seus vícios e já publicou dois livros sobre o tema. "Para mim, cozinhar é um ato de sensualidade. Essa coisa de trabalhar a massa e também a questão dos cheiros, dos temperos", diz. Mas que, no dia-a-dia, prefere a frugalidade do carioquinha com café e leite ao jantar.

Eduardo confessa-se um tanto surpreso de chegar aos 80 anos. "Para falar a verdade, nunca pensei chegar nem aos 60 anos. Meu pai morreu quando eu tinha quatro meses e o pai que me criou morreu aos 59 anos. Não imaginei que Deus me desse o dom da longevidade, ou melhor, da jovialidade", revela com a propriedade de quem ainda dá expediente diário, pela manhã e à tarde, na Ceará Rádio Clube. E à noite, dedica-se à leitura - "leio 70 páginas por hora" - e ao computador, no qual tanto produz suas novas obras literárias quanto alça novos vôos. Há cinco anos publicou o livro **Borboleta Acorrentada**, ilustrado pelo próprio Eduardo com desenhos feitos no computador. Mais recentemente, expôs suas infogravuras na Secretaria da Fazenda.

A jovialidade, que ele define como o sentimento de estar sempre de coração aberto, não carregar tristeza, deve-se também a uma vida de poucos, mas bem cultivados vícios. Além da já citada cozinha, Eduardo adora freqüentar livrarias, supermercados e bancas de revista. "Eu não tenho assinatura de jornal ou revista. Prefiro ir à banca, onde descubro novos títulos, converso com as pessoas. Não quero me excluir da vida comunitária", conta. A literatura local ocupa um bom espaço nas leituras diárias de Eduardo, que geralmente se divide entre vários livros ao mesmo tempo. "Leio tudo que chega nas minhas mãos. Acompanho todos os autores cearenses", garante. Mas também guarda um lugar cativo para as obras sobre a história medieval - são mais de 130 livros somente sobre este tema. "Sou um medievalista e me interessa, principalmente, pela influência da cultura medieval sobre o sertão". O interesse, como não poderia deixar de ser, já rendeu um livro.



Novas tecnologias e história medieval. O ontem e o hoje são uma constante na vida de Eduardo Campos. "Carregar o presente e o passado. Sem essa bagagem, a gente não chega ao futuro", gosta de dizer o homem que, além prepara para as próximas semanas o lançamento de sua 61ª obra, dessa vez com o forte sabor de suas memórias. Ele já adentrou nesse território outras vezes. A última, no ano passado, quando lançou **Os Vizinhos - Memória da Cordialidade**, repleto de referências à Fortaleza dos anos 1930: a água mineral Caxambú, a Ceará Gás Company, a mercearia A Brasileira, o Bazar Alemão...

Agora, ele coloca no prelo uma obra que remete imediatamente a recentes lançamentos editoriais, como **Cartas na Mesa**, de Fernando Sabino, e **Correspondência**, de Clarice Lispector. Apenas uma diferença em relação aos títulos citados: Eduardo Campos reuniu as cartas de amigos que colecionou com o passar do anos, mas não traz nenhuma de sua autoria. "É a minha correspondência passiva. Eu me confesso vaidoso, porém não tenho a pretensão que minhas cartas sejam dignas de análise, por isso publico apenas as que recebi", explica. O livro, que deve ter cerca de 200 páginas, traz entre outros, Manuel Bandeira, Luís da Câmara Cascudo ("que chamava Campos de 'meu Eduardinho do Coração'"), o compositor Antônio Maria e Antônio Girão Barroso, entre outros. Deste último há uma carta de 1943, escrita às duas da manhã, enquanto ele fumava um cigarro Selma. "São lembranças de um tempo que se usava papel, caneta e máquina de escrever", encerra Eduardo Campos.